

Abril
de 1970

—
Publicação
mensal

Estudos

Série M 2

—
N.º 6

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

**SÍNTESE ÉTNICA, BIOLÓGICA E PSICOLÓGICA DA
EVOLUÇÃO DO «MUNDO OCIDENTAL»**

Os meios psicológicos europeus. A Europa das
pulsões climáticas

A VELHICE NATURAL E A VELHICE PRECOCE

**ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A PSICOLOGIA COLEC-
TIVA — VIII**

**AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGI-
CAS QUE PREPARAM O MUNDO SOCIALISTA E
AS IRREALIDADES DA CONCEPÇÃO DO «MUNDO
COMUNISTA»**

O dinheiro, veículo socio-dinâmico — O capital
e a sociedade «condicionada» — Humanidade
«futurista» e abolição do dinheiro

**OS CORRIMENTOS NAS JOVENS DE POUCA IDADE
E NA PUBERDADE**

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala
Est.
Tab.
N.º

Penampla

Penicilina de amplo espectro,
activa por via oral e parenteral

A Penampla representa o regresso da penicilina à posição cimeira entre os antibióticos maiores.

O seu grau de eficácia
comprovativa pode
exprimir-se

em **3** PONTOS
BASILARES

- 1.º — Tão activa contra os cocos Gram-positivos e Gram-negativos, como a Penicilina G e, portanto, mais activa do que qualquer outro antibiótico.
- 2.º — Activa contra a maioria dos germes Gram-negativos em grau, pelo menos equivalente ao dos antibióticos de amplo espectro mais eficazes.
- 3.º — Bactericida, em vez de bacteriostática.

Conclui-se, portanto,
que Penampla constitui o maior dos
'antibióticos maiores'

O seu valor farmacológico
relativo pode deduzir-se

dos **3** PONTOS
FUNDAMENTAIS

- 1.º — É estável no suco gástrico e bem absorvida por via digestiva.
- 2.º — Ao aumento das doses ministradas corresponde aumento proporcional dos níveis sanguíneos. A concentração máxima obtém-se em volta das 2 horas e mantém-se cerca de 6 horas sem decréscimo apreciável.
- 3.º — É talvez de todos os antibióticos o que tem menos tendência a acumular-se nos tecidos.
 - a) A sua concentração na urina é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - b) A sua concentração na bilis é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - c) 98 % do antibiótico é eliminado 8 horas após a ministração.

Requisitar literatura ao Laboratório Sanitas

Abril
de 1970

Publicação
mensal

Estudos

Série M 2

N.º 6

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Psicologia e educação

SÍNTESE ÉTNICA, BIOLÓGICA E PSICOLÓGICA DA EVOLUÇÃO DO «MUNDO OCIDENTAL»

Análise da evolução do homem,
desde a mais remota antiguidade

(Continuação)

Já estudámos em artigos anteriores, a psicologia dos povos muçulmanos, israelitas, etc., em comparação com os cristãos e a influência da religião nas psicologias respectivas. Muitos destes estudos foram baseados nas investigações do Dr. G. Dingemans, professor de psicologia em Lausanne. Vamos apresentar agora uma síntese étnica, biológica e psicológica, do mesmo professor ⁽¹⁾.

OS MEIOS PSICOLÓGICOS EUROPEUS

A Europa das pulsações climáticas

Antes de formar o continente mais temperado e o complexo geográfico mais equilibrado do mundo, os territórios europeus sofreram desde há 200.000 anos, quatro grandes pulsações glaciares. Camadas de gelo de 2.000 metros de espessura pesavam sobre a metade da superfície do

(1) Este estudo principiou a ser publicado no n.º 859 da revista «Medicine et Hygiene» de 19 de Fevereiro de 1969.



seu solo (o abaixamento do nível dos oceanos e as montanhas de gelo permitiam as comunicações entre a Europa e o Canadá).

Durante os períodos intermediários, a Europa passou por oscilações quentes que favoreceram sobretudo as fases da estepe e a floresta. Esta «respiração climática» foi sempre caracterizada pelo estabelecimento de quatro estações, bem equilibradas, que permitiam o repouso da flora durante o Inverno, mas dispo de duas meias estações (a Primavera e o Outono) suficientemente longas para favorecer as experiências botânicas, zoológicas e humanas da natureza, ou artificiais.

Cada uma das grandes crises glaciares, condicionou verdadeiramente grandes crises antropológicas. As grandes transformações geofísicas incitam os homens a longas migrações, excitam as suas faculdades de adaptação e conduzem ao aperfeiçoamento das culturas e das técnicas utilitárias.

A Europa constituía o ponto de encontro geográfico dos mundos siberiano e africano e, desde o «Ecantropus» do Paleolítico arcaico, aparentemente tão próximo do nosso tipo moderno, bem como os «Neandertalianos» de aspecto quase simiesco, a Europa constitui um lugar ideal para a diferenciação dos «homo-sapiens» pré-históricos.

As zonas intermediárias entre as regiões sujeitas à influência dos glaciares (habitadas pelos Esquimós das margens setentrionais do Atlântico e pelos caçadores da esplêndida raça dos Cro-Manhous) e as que beneficiavam da maravilhosa expansão mediterrânea (habitada pelos pequenos negroides, semelhantes aos Boschimans e aos antepassados dos nossos mediterrâneos da cultura aurinhacea) foram particularmente favoráveis ao desenvolvimento do pesamento humano. Até 1300 anos antes de Cristo, os quatro tipos prehistóricos, isolados ou em conjunto, deixaram obras artísticas, que revelavam uma extraordinária afectividade.

Se o homem do «Neandertal» já era susceptível de preocupações religiosas, pois que praticava a inumação dos seus mortos, as culturas do «Aurinhaceo» e do «Solutreano» (de 45.000 e 25.000 anos) demonstram uma revelação emocional da arte. Este interesse para a decoração dos objectos utilitários ou mesmo estas miniaturizações de figurinos humanos e animais (que deviam servir de amuletos) provam que estes primitivos dispunham de tempo suficiente para descansar em paz e para se dedicarem a esta expressão sintética e especificamente humana, intermediária entre o misticismo e as diversões, que são as «festas religiosas», as «danças e teatro mágicos», as caçadas, o desejo de reproduzir as forças sobrenaturais da natureza perante reproduções imaginárias dos seus apetites (bonecos representativos dos seus desejos de fecundidade), honras aos corpos dos seus defuntos e conversações com as suas almas...

Com os frescos e gravuras rupestres do período Magdaleniano (25.000 a 13.000 anos) atinge-se um apogeu; é necessário esperar pelos

grandes assimaleiros egípcios para achar obras-primas comparáveis às maravilhas das grutas de Altamira ou da Dordonha. O homem do Cro-Mañon não era um artista, no sentido em que ele não procurava interpretar a natureza mas a realizar um eco mágico dela; a projecção da sua memória visual perfeita, que ele realizava como se tivesse um espelho espiritual, rematerializado, da sua pilosidade, do detalhe dos seus vestidos e até este gesto tão humano de uma mãe, conduzindo pela mão o seu filho.

Se o homem moderno é o fruto da mestiçagem de estes notáveis pioneiros da Europa nascente, nela ou em outros continentes, estes tipos fundamentais são sempre reconhecíveis por um atavismo de origem genética. A Europa pré-histórica é sempre actual; ela permanece sobretudo viva, pelo facto de, fora dos maiores complexos genéticos, não há diferença alguma entre as disponibilidades cerebrais e neuróticas dos homens de há cinquenta mil anos e dos seus descendentes dos tempos modernos.

Pletora biológica e enfraquecimento da afectividade

O desgaste progressivo do último período glacial (cerca de 13.000 anos antes da nossa era) corresponde a uma das mais notáveis revoluções de todos os tempos.

R. Groussé (no seu «Bilan de l'Histoire», pág. 5) resume a situação da maneira seguinte:

«A civilização do tempo das renas desapareceu rapidamente, quase substituída por uma indústria em avanço evidente sobre a da pedra talhada, indústria não somente caracterizada por uma utensilagem aperfeiçoada, que a levou à pedra polida, logo seguida pela invenção da cerâmica, pela domesticação dos animais e pela utilização das plantas cultivadas, progressos enormes destinados a melhorar extraordinariamente as condições de vida da humanidade e de que só a revolução industrial do século XIX nos oferece o equivalente. No entanto, estas melhorias capitais no sector da técnica, são acompanhadas de uma regressão artística completa.

«Podemos sonhar que o eclipse da arte vai durar uns dez mil anos, até à época do antigo império egípcio. Eu anuncio apenas uma lei histórica que se verifica muitas vezes: — Na vida das sociedades humanas, o progresso em uma determinada direcção, só se adquire à custa de dolorosas regressões em outros sectores».

As conclusões de R. Groussé, a que acabamos de nos referir, certamente merecem discussão.

No entanto, não podemos deixar de considerar as suas afirmações pelo que respeita ao eclipse da arte que, segundo ele, nos levará mais ou menos rapidamente à arte de há dez mil anos atrás. Realmente, os que foram educados na arte, que se foi aperfeiçoando durante muitos séculos,

até a que atingiu a perfeição da do século XIX, tinha atingido um grau tal, que se esperava que no desenho, na pintura, na escultura, na arquitectura, etc. caminhasse sempre; mas a revolução na técnica, tomou o espírito e, simultâneamente, a arte sofreu uma retrogradação tal que, em muitos desenhos, retrogradou mais do que algumas artes rupestres que hoje interpretamos e que nos servem de elementos de estudo para os hábitos e a indumentária na vida dos povos de séculos antes da nossa era; no entanto aparece uma nova arte de pintura abstracta, que os nascidos no século XIX não compreendem, porque então a pintura era sempre concreta; esforça-se por representar uma paisagem, os homens e os animais em atitudes diversas e mesmo as emoções; a música, tinha passado do ritmo selvagem até às combinações mais perfeitas e às harmonias mais puras; e, em pouco mais de 50 anos, regressámos séculos!... O que a grande parte não compreende e que muitos dos que dizem compreendê-la, só o fazem por snobismo, para parecerem não «novos», mas «novíssimos» talvez nos seja explicada pela arrojada (!) teoria de R. Groussé...

Esta revolução proto-histórica, que se poderia classificar de «materialista», corresponde a dois movimentos antropológicos que evoluem conjuntamente:

1 — Uma grande aproximação dos antigos grupos pré-históricos, facilitada, na zona média da Europa, pela riqueza das bacias fluviais (que incitam à co-habitação de tribos das raças complementares ou já cruzadas, sem que a eliminação de uns seja necessário para a vida dos outros). Esta co-habitação provocou entendimentos frutuozos entre o grupo dos caçadores e o dos pescadores (estes últimos aparentados com os esquimós da chancelada e os Bretões) e as raças mediterrâneas arcaicas, que evoluem mais para o sedentarismo agrícola e a criação de animais; facilidade igualmente de se refugiarem nas montanhas e nos bosques facilmente penetráveis da Europa. Tudo isto tornou possível a eliminação de novos complexos étnicos, como os dos bapões ou dos anões dos Alpes.

2 — O segundo factor, interessa a infiltração lenta, mas irreversível do «mecanismo arianizante», ligado, na ocorrência, à «explosão demográfica» de uma raça brancoide da Ásia central, ricamente provida de sangue do grupo B e caracterizada por uma mentalidade particularmente empreendedora, eficaz e afectiva. Observa-se igualmente um processo antropológico, que se poderia classificar mais como uma «erupção» do que como «irrupção» racial; trata-se da braquicefalização, espontânea aparentemente, de numerosos grupos étnicos, também dispersos pela Europa central, na Espanha, na África do Norte e no Próximo-Oriente.

Este novo tipo europeu, de cabeça redonda, que surgiu destes movimentos antropológicos, de raça alpina, pouco rico de sangue B e muito pouco arianizado, de constituição atarracada, picnoide, possuindo ao

mesmo tempo um espírito prático e perseverante nas suas tarefas, encontrava em qualquer parte, um meio montanhoso, que constituía um refúgio que convinha à sua mentalidade prudente e desconfiada; ele inaugurava na Europa uma componente essencialmente pedomórfica.

Foi este «pedomorfismo da Europa intermediária» que conduziu um mundo, já histórico, para o seu desenvolvimento. A sua necessidade de conforto e de segurança estava na origem de todas as invenções do artesanato utilitário e da técnica, a partir da utilização da madeira e do metal forjado.

Esta nova forma de prazer humano, a do artífice compensador e do desejo de acumular em edifícios duráveis as riquezas indestrutíveis (castelos abrindo, como em cofres, as vidas humanas e os bens) não podia ser satisfeita senão pela segurança obtida com o prolongamento no tempo da sobrevivência dos bens mortais, tais como a domesticação e a criação de animais e a cultura das plantas.

Mas o domínio pelo homem, sobretudo mediterrâneo e alpino (Hamitas, Ligúrios, Sicanos, etc.) dos meios biológicos, trazia consigo também, novas dificuldades, novos flagelos. São estes problemas que vamos abordar, em particular, no Europeu.

Domesticação e curiosidade animal

A domesticação do cão pelos caçadores pré-históricos foi um dos primeiros sinais da cultura.

Qual foi o processo que deu ao homem a ocasião de se ligar aos animais, até aí selvagens e de passar a viver, juntamente com eles? — Certamente, procedeu a uma selecção, afastando os animais perigosos e sem utilização para ele e, por outro lado, favorecendo a procriação de entes excepcionalmente compatíveis com a domesticação. Estes animais privilegiados viam-se nos primeiros tempos, cercados de animais selvagens necessários à sua alimentação, protegendo particularmente os animais jovens e os seus progenitores.

Pensamos que também se deve ter em conta o factor da «curiosidade animal». A sociabilidade dos animais, manifesta-se pela atracção que o homem exerce sobre eles. Muitas espécies selvagens não desconfiam do homem, sobretudo os que têm poucos dias de vida.

O animal selvagem é atraído pelas seduções do abrigo, do calor, dos restos abundantes da alimentação e acampa voluntariamente nas vizinhanças da habitação do homem. Às vezes, as secas e a alimentação deficiente, é a causa de se aproximarem do homem, sobretudo os animais mais tímidos que vêm procurar os alimentos, até mesmo da mão do caçador. O condicionamento dos reflexos dos mais agressivos que escaparam já às perseguições ou às feridas infligidas pela vigilância da tribo, com o receio de ser espoliada, explicam o compromisso inicial psico-fisiológico

entre o animal e o homem; o de trocar os restos de comida e às vezes mesmo de a partilhar, em recompensa do papel exclusivo de afastarem a aproximação de ataques inoportunos de outros animais ou outros homens. Antes de ser um companheiro de caça, o cão foi um guarda vigilante.

A psicologia animal mostra faculdades da curiosidade, extraordinariamente desenvolvidas, sobretudo nas esferas superiores e mesmo nos ratos; entre a prudência e a necessidade, o animal, como a criança e o homem primitivo, não pode resistir ao desejo de «ver o que está escondido ou saber o que se passa».

Não foi talvez o homem que foi para o animal, mas o animal que foi até ele. Nas sociedades arcaicas, os primeiros animais domésticos só tinham um carácter ornamental; os pequenos animais serviam de brinquedos para as crianças, ou estas, seguindo as peregrinações dos seus pais, caçadores, recolhiam, para se divertirem, animaizinhos abandonados; a domesticação dos animais teve uma origem de afectividade e de distração infantil antes de se tornarem de interesse utilitário.

Animais assimilados e animais débeis

Existem duas espécies de animais domésticos: — os que por ensino ou hábito de vida simbiótica com o homem, são animais assimilados (que podem readaptar-se à vida selvagem, mas conservam a tendência para se associarem com os seus congéneres assimilados), e os que sendo anormais, são incapazes de sobreviver sem a protecção dos homens.

As origens da domesticação animal são condicionadas pelo encontro, indefinidamente renovado, da curiosidade animal com a curiosidade infantil, que favorece a vida em conjunto e cruzamentos de acaso, às vezes pelo contacto de raças diferentes, obrigadas a viver em espaços limitados.

Três mil anos antes da nossa era, os Hititas tinham já uma agricultura inteligente e utilizavam todas as nossas raças de animais domésticos. Na Europa, foi a Suíça que forneceu os primeiros conjuntos de espécies animais e vegetais, ligados às indústrias do homem, datando de 2700 anos antes de Cristo. Mas foi só durante no decorrer do Mesolítico que apareceram, com o cão, os primeiros vestígios de domesticação pré-histórica europeia. Os cães são os produtos dos pequenos lobos das Índias, cruzados com os grandes lobos do norte e os chacais cinzentos da África do norte (e talvez das hienas). Os cavalos vêm do «tarpan» da Ásia Central.

À imagem do homem, a vida sexual dos animais em cativeiros, perde em periodicidade e aumenta em fecundidade, pois a sua actividade genésica desregrada, permite uma multiplicação rápida, mas a promiscuidade também é acompanhada de inconvenientes.

O homem e os animais parasitas

As habitações dos homens, mesmo as mais primitivas, constituíam micro-climas e meios biológicos com uma grande força de atracção para os animais.

As reservas ali acumuladas dos produtos da agricultura, frutas, derivados do leite e das carnes de animais, frescos ou conservados, dos restos da comida, mesmo dos excrementos, atraíam todas as espécie de roedores (ratos e ratazanas, etc.), vermes e insectos; a madeira morta, das habitações e dos mobiliários, formava asilo para outros parasitas; as pociras e as podridões favoreceram a vida dos acaros e dos aracnídeos; a tinha ligou-se às vestes dos homens; as moscas tornaram-se o flagelo mais incómodo; piolhos, pulgas e percevejos atraem sempre todos os miseráveis e todos os primitivos, mesmo os homens das raças antigas, já civilizadas, sobretudo os do norte que, por causa do frio, ficam meses e talvez anos, sem mudar as suas peles, abafos e mesmo fatos, que por vezes cosidos em torno do seu corpo.

Sabe-se que os Gauleses se banhavam frequentemente, já mesmo utilizando o sabão e que as piscinas eram já aproveitadas pelas primeiras civilizações citadinas, de quem a vida já não podia dispensar as canalizações.

Numerosos hóspedes, adaptados à vida social, começaram a procurar estes abrigos novos. Morcegos e animais nocturnos, andorinhas, cegonhas e pássaros variados, visitavam as casas e quintais, bem como répteis e mesmo serpentes, venenosas.

As caves e as canalizações constituíram outros meios de invasão. Mas os campos cultivados e os pardieiros, passaram a abrigar uma enorme complexidade de parasitas associados, que são, depois dos micro-organismos, os grandes inimigos dos homens.

No Egipto, metade das colheitas chegaram a ser destruídas pelos gafanhotos e outra parte comida pelos hipopótamos. Os campos são pilhados pelos ratos, pássaros e outros animais. «Calamidades» periódicas vieram juntar-se aos flagelos endémicos deste berço da civilização europeia. — A água do Nilo tornava-se por vezes avermelhada e malsã; as inundações anuais faziam pulular as rãs; quando a água se retirava deixava peixes que acabavam por morrer e apodrecer; por outro lado, os mosquitos multiplicavam-se. A atmosfera era muitas vezes obscurecida por nuvens de finas poeiras transportados pelo kamsin, o vento do deserto, que tudo queimava.

Enquanto às doenças infecciosas dos homens e dos animais, o Egipto passava, na antiguidade, por ser o berço delas (razão valiosa para fazer fugir os Hebréus, à procura da «terra prometida» e assim se criou a frase das «pragas do Egipto»).

O lavrador, no entanto, venceu as pragas milenárias!

No próximo número continuaremos a estudar a evolução dos meios biológicos europeus, começando pelos «flagelos naturais» as «epidemias na Europa» e, por fim, as «esperanças de vida», a «determinação geográfica», como estudos preparatórios para compreendermos os «Meios Psicológicos Europeus».

Este estudo do Professor G. Dingemans é o estudo de um grande sábio e, por ele, chegamos a compreender o que é o verdadeiro carácter do homem europeu e igualmente as divergências que existem com o asiático, o africano e, em parte, com o americano.

É necessário estudar para compreender e para ter o direito de criticar e ainda, para os estudiosos inteligentes, o meio de tentar ou criar os meios para que a humanidade se sinta mais aproximada e mais solidária; por enquanto, ainda estamos muito atrasados e, portanto, muito afastados da compreensão que há-de unir os homens.

A VELHICE NATURAL E A VELHICE PRECOCE

Ninguém deseja, com boa vontade, ver que se vai aproximando do fim da sua vida. Mas, apesar disso, uma grande parte das pessoas encurtam o caminho da sua vida, com desregramentos contrários à sua evolução normal.

Com o avanço da ciência, podemos prolongar as condições de resistência do nosso organismo, poupando-o; mas há muitas pessoas que parece terem a intenção de as abreviar. Vamos estudar o problema e se o leitor tiver a coragem de seguir os conselhos que a leitura deste artigo lhe der, auguramos-lhe uma longa vida.

O estudo biológico fundamental dos processos de envelhecimento constitui a melhor fonte do progresso médico actual.

Define-se o «envelhecimento» como o conjunto da marcha dos mecanismos que conduzem a ruptura final do equilíbrio do organismo, à medida que o tempo vai passando. — A cronologia destes processos, ainda que sujeita a algumas variações específicas ou individuais, é admiravelmente constante.

É uma noção universal, a de que no homem, fora das causas isoladas da morte, mais precoces, o nosso equilíbrio perde a sua eficiência entre os 80 e os 90 anos, ao mesmo tempo que as doenças se acumulam e que as causas de morte se multiplicam. Entre os 65 e 70 anos, o número médio de lesões necróticas, não ligadas entre si, é de 5,71 por indivíduo, enquanto que este número passa para 8,42 entre os 80 e os 90 anos (Howell, 1968).

O que a medicina e o progresso social têm conseguido até agora é tentar levar o maior número de pessoas a atingir o mais elevado período

de vida, que se pode conseguir na nossa espécie. Esta proporção não variou muito desde os períodos históricos; vê-se vulgarmente que muitas pessoas atingem os 100 anos, conservando mesmo uma certa ginástica mental. — Mas, nos últimos tempos, muitas pessoas parecem preocupadas em abreviar o tempo da vida, praticando actos que arruinam o organismo precocemente, quando hoje já existem meios médicos e cirúrgicos para conservar a vida, para muito além dos limites antigos.

O envelhecimento puramente biológico, acompanha-se de modificações que atingem todos os órgãos e que provocam uma diminuição das reacções fisiológicas e a uma propensão aumentada para o aparecimento de doenças, paralelamente às diminuições de resistência dos vários órgãos.

Daqui resulta que à medida que a idade avança, as doenças se complicam, porque as perturbações nos diversos órgãos passam a influenciar-se mutuamente. — A sua evolução crónica tem ainda como consequência, que o doente se habitua, bem como a família. Desde que se não trate de sintomas severamente progressivos e que exigem cuidados permanentes, não se liga tanta importância à doença, quando estas alterações têm uma importância primordial para o doente, para a conservação da sua saúde e resistência contra a doença.

Estas particularidades da segunda idade e da velhice impõem ao médico a tarefa de examinar cada um dos seus doentes com um fim triplo, físico, psíquico e social; não se podem estabelecer regularmente fronteiras nítidas entre o «doente» e o «perfeitamente saudável», porque todos mais ou menos são atingidos, nestas idades, por doenças psico-somáticas que influem sobre o seu comportamento individual e social; esta abolição de fronteiras entre as perturbações somáticas, psíquicas e sociais do doente, produzem um quadro complexo que é caracterizado por uma patologia psico-física.

Para o médico, isto significa, que deve tentar ligar a sintomatologia de origem somática, por exemplo, entre os mecanismos patogénicos, respiratórios, cardíacos e renais, mas que também deve detectar as influências das alterações somáticas sobre as descompensações psíquicas, bem como as influências psíquicas sobre as perturbações físicas e determinar, por fim, em que medida os factores sociais podem influenciar o doente. — Isto não é sempre fácil e compreende-se bem que cada doente idoso, apresente um quadro clínico individual.

A abolição de limites nítidos em todos os domínios da patologia das pessoas idosas não tem somente repercussões sobre o tratamento destes doentes, que deve ser cuidadosamente estabelecido, para evitar os medicamentos inúteis, que muitos destes doentes consomem por conselhos de amigos, que se julgam estar em condições similares, mas também para aconselhar os medicamentos que procurem manter a saúde, apesar do envelhecimento do organismo.

A pessoa idosa, considerada como atravessando um período de saúde regular, já não é muitas vezes completamente independente. — Deve seguir os conselhos do médico, ou ser internado em casas de saúde, até que esteja sensivelmente normalizado.

A ciência especializada no estudo das pessoas de idade denomina-se «geriatria», ou «gerontologia».

O geriatra tem por missão atrasar o ritmo do relógio da vida do seu doente, conduzindo-o ao ritmo pré-estabelecido e possível.

As experiências dos estudos feitos em animais, dá-nos boas razões para esperar que obtenhamos bons resultados na aplicação que os médicos fazem sobre os seus doentes; assim, já se consegue hoje retardar o momento em que a queda orgânica generalizada conduza a situações como o cancro, a arterioesclerose ou as degenerescências próprias da idade, com que se consegue retardar sensivelmente, mesmo nas pessoas predispostas, que também têm muito a ganhar com esta defesa.

No sector da vida humana, um ganho de cinco anos na sua marcha, levaria uma pessoa de 80 anos a gozar da saúde que tinha aos 75. O fim do gerontologista é o de deslocar a marcha do relógio da vida, para trás da hora normal, tanto quanto possível.

Experiências feitas sobre os animais mamíferos demonstraram já que é possível actuar sobre o ritmo do envelhecimento, atrasando-o. Os estudos demonstraram que as restrições caloricas aplicadas desde as primeiras idades nos roedores, podem retardar diversas transformações devidas à velhice e mesmo virtualmente abolir tumores em algumas regiões sensíveis (Tarnnenbaum, 1947). Bellamy pôde elevar quase no dobro a vida de uma ninhada de ratos que morreria cedo, pelo emprego da prednisona (Bellamy, 1968). Não se pode provar que os mesmos meios seriam eficientes no homem; no entanto estas experiências mostram que o «relógio da vida» dos mamíferos é acessível à nossa influência e, por isso grande número de investigadores consagram-se actualmente a numerosas investigações, em diferentes partes do mundo.

A degenerescência do organismo, que leva à velhice, depende de muitas causas, como erros de regime alimentar, sobretudo abusos e em grande parte deficiências hereditárias agravadas pelos erros de regime adquiridos em família; doenças cujos malefícios se transmitem aos filhos, como a sífilis, o paludismo, etc.

O médico tem sobretudo de procurar defender o organismo aconselhando o seu doente.

Aconselhará o regime alimentar simples, sem exageros e com o uso regrado das bebidas alcoólicas; aconselhará uma vida normal, dizendo-lhe que a noite foi feita para descansar e o dia para trabalhar, combatendo tanto a imobilização como os excessos físicos.

ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A PSICOLOGIA COLECTIVA

VIII

A «IRRITAÇÃO», A «APRENDIZAGEM» A «OPINIÃO» E A «ADAPTAÇÃO»

Continuamos com o estudo da psicologia colectiva. No último artigo tratámos dos problemas da «sugestão e da auto-sugestão» e da «personalidade e socialização». Vamos agora estudar a «imitação», que é o acto que está na base mais primitiva da transformação do «ego» em elemento social.

A imitação

A *educação* não é mais do que uma forma técnica destinada a aprender a maneira de imitar os outros, desde a primeira infância que, segundo *Claraéde* é o período da vida em que só se faz «brincar e imitar»; a *imitação* é o fenómeno mais simples da *interpsicologia*.

A repetição da imitação cria o *hábito*, que é uma «segunda natureza»; e é esta segunda natureza que condiciona o «reflexo condicionado», que, na opinião dos adeptos de *Pavlov*, é uma *memória orgânica, inconsciente e funcional*; o prazer e a dor são duas componentes do sistema binário simples da classificação da afectividade primitiva.

O reflexo ordinário é de carácter biológico, mas não *socializado*; desde que existe uma interferência adquirida, uma «deliberação» entre a excitação material primária e a reacção orgânica secundária consequente, dá-se um «condicionamento», isto é, a obediência a uma intervenção estranha do reflexo, o que se designa por «aprendizagem», reflexo que se torna condicionado.

Uma das maneiras de que alguns homens actuam sobre os outros, consiste em provocar a «instalação» dos reflexos condicionados.

Quando esta *aprendizagem*, esta *educação*, passa do estado psicológico ao nível psíquico, passa-se igualmente do «reflexo condicionado», comum a todos os animais, ao estado de «associação de ideias»; esta associação determina a «opinião», factor que precede o reflexo.

Alguns materialistas querem considerar estes reflexos condicionados, como o sintoma fisiológico fundamental da «psicologia social»; ora, a psicologia social provém directamente da *interpsicologia*.

A passagem da «opinião» de uma pessoa para outra, cria entre as duas, uma similitude que é definida por «mentalidade comum» ou «opinião comum».

A maior parte dos actos do comportamento de um indivíduo, são raramente individuais; quase todos podem estar ligados a tipos de acções repetidas em um determinado grupo.

Uma pessoa, isoladamente, tem um temperamento, um tipo psicossomático particular; a mesma pessoa, confrontada com outra, tem uma «personalidade», porque a presença da outra, condiciona as primeiras manifestações sociais das *relações interhumanas* e estas atitudes, no homem, são sempre influenciadas pelo sentimento da opinião dos outros. São, com efeito, os outros que dão a personalidade a cada pessoa, segundo os critérios das comparações individuais.

Uma pessoa, cega ou surda-muda de nascença, mas inteligente, sabe que tem um certo *carácter*, quando as pessoas que a cercam tentam acalmar a sua irritação, diminuir o seu estado de tristeza, de antecipar-se aos seus desejos ou satisfazer a sua curiosidade. Mas esse doente ignorará que tem uma personalidade, enquanto uma expressão ou uma linguagem apropriada, não lhe faça descobrir as diferenças de desejos, de opiniões e de acções que as outras pessoas têm.

Pelo contrário, uma criança normal, chega muito depressa à conclusão de que cada pessoa, às vezes mesmo cada animal e até certos objectos, têm uma «personalidade». Para uma criança, um brinquedo, uma boneca, um auto ou um elemento natural, estão estritamente ligados à observação da reacção específica da coisa em relação com a vontade do seu dono; a bola que corre ou salta, como o dono quer, é «gentil» ou «bonita»; a faca que corta ou o garfo que pica, são «maus» e o vento que leva os objectos é também «mau».

A «personalidade» é a reacção, eventualmente puramente física, de um objectivo em relação a outro objectivo e certas constantes que existem sempre no mesmo indivíduo, fazem dele uma «pessoa» e não só um exemplar. Diz-se muitas vezes, de um animal, que ele tem a «sua personalidade», bom, mau, inteligente, manhoso, etc.

Nas mais altas esferas do complexo cerebral, tende-se para substituir a noção, ainda somática, da *personalidade*, pela da *mentalidade*. Duas pessoas podem ter a mesma mentalidade, tendo cada uma delas uma personalidade diferente, porque a mentalidade é, em grande parte, formada pelo meio educativo, enquanto a personalidade, obedece mais ao temperamento.

Tarde nota que, quando duas pessoas se encontram, a sua vida social é sempre influenciada nesse momento por uma imitação de um pelo outro. Esta imitação pode ser alterada mas, em geral, uma das pessoas cede à influência da outra (iniciativa da conversa, de andar lado a lado, de se separarem). Se nenhum cedesse, em relação ao outro, não haveria relação possível entre os dois; um falaria sem que o outro o ouvisse, e o outro interromperia a conversa e partiria, sem avisar.

Em cada relação interhumana momentânea há uma espécie de pequeno contrato, pelo qual um auditor, por exemplo, aceita escutar em silêncio a frase do seu interlocutor, adaptando o seu interesse ao pensamento do outro. Neste caso simples, trata-se apenas de um ensaio de imitação, de pôr o seu pensamento em paralelo com o do outro, sem que haja um diálogo entre as consciências.

Na vida social, principiamos sempre por imitar um outro; quando esta imitação se converte em um hábito, ele cria o reflexo condicionado. A *psicologia social* torna o aspecto da *fisiologia funcional*.

A função da «adaptação»

É sobre a «imitação funcional» que se baseia a psicologia animal. Sabemos que, em certas circunstâncias, um animal não actua da mesma forma quando se encontra só e em presença de outro animal ou de um homem. Existe uma *intrusão exógena* no ciclo «acção-reacção».

Tarde diz que estes factores psicológicos predominam sobre os factores biológicos; «a opinião precede o reflexo (caso da pessoa com fome, que recusa um alimento contra o qual ele tem um preconceito, como um israelita em presença de carne de porco).

Uma das manifestações mais primitivas da espécie humana nas suas relações com a presença de outro, é, por exemplo, o sentimento do *pudor*; mais ou menos intuitivo, a partir de certa idade na criança, o pudor torna-se convencional, a partir de certo tipo de mentalidade. Mas este sentimento é sobretudo baseado na tendência para a imitação da maior parte das pessoas: — proceder como toda a gente, para não ser expulso do grupo. Assim, uma pessoa educada em uma grande modéstia, ficará surpreendida quando verifica com que rapidez o seu preconceito desaparece, sob a influência de um grupo habituado a uma grande promiscuidade e ao qual se integra ocasionalmente. Será, pelo contrário, o seu excesso de puritanismo, que representaria uma espécie de ofensa inadmissível a uma maioria educada em uma ética baseada sobre o naturismo. A própria *moda*, para não ir tão longe, obriga a julgar *natural* uma atitude que há 20 anos seria classificada de *indecente* e desclassificaria uma pessoa!

Assim, a função adaptativa da imitação, esta potencialidade da adaptabilidade, de que o grau varia, conforme os temperamentos, é geralmente prioritária sobre a função «conservadora». Na realidade, como *H. A. Murray* demonstrou, o equilíbrio de um indivíduo é condicionado por uma justa medida entre as suas faculdades de imitação (sintonia) e a sua inércia natural, que põe um travão aos riscos de mudanças bruscas e inconsideradas.

Um excesso de maleabilidade (como nas pessoas facilmente hipnotizadas ou sugestionáveis) leva até à abolição completa de toda a persona-

lidade. O «Eu» torna-se em um espelho passivo do mundo exterior, transforma-o em um imitador automático.

No caso contrário, um excesso de rigidez nas tendências conservadoras, leva a uma total apatia; este estado é característico de certos psicopatas que se fixam em uma identidade rígida ou em um mutismo teimoso, que os fecha a todos os contactos exteriores.

Esta faculdade de resistência a todas as sugestões do mundo exterior (que é necessário manter, em certa medida) pode mesmo ultrapassar uma posição, de posição firme de opinião, para entrar na posição de «contradição». *Tarde* evidenciou o papel importante que pode representar a faculdade do «contrário da imitação», que consiste em tomar voluntariamente a posição de actuar ao contrário das regras ou das leis.

É esta função *contra-imitativa* que é a conversão binária primitiva de todo o trabalho cerebral (fazer *isto* ou o *contrário*), sistema binário do «não» ou do «sim», que caracteriza as primeiras reacções infantis, que permite ao «Super-Eu» imaginar exactamente o «Anti-Ideal do Eu Antagónico», a fim de precisar exactamente o papel que quer desempenhar no seu dilema de «Vencer ou ser vencido».

Na escola dos animais ou dos reflexos mais primitivos, este «não» ou este «sim», de que depende a resolução final, são muito psicologicamente traduzíveis pelo equilíbrio simples das duas sujeições fundamentais da consciência humana: — a dor e o prazer.

No próximo artigo, continuaremos este estudo, tratando da «Imitação, instinto gregário, psicologia colectiva».

Uma novidade em terapêutica

Bactisubtil

indicada nos casos de

Diarreias

normalização do trânsito intestinal

recomendada na

associação com antibióticos

LABORATÓRIO FIDELIS

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS

que prepararam o «mundo socialista» e as irrealidades
da concepção do «mundo comunista»

XVI

O «DINHEIRO», VEÍCULO SÓCIO-DINÂMICO A HUMANIDADE FUTURISTA E A ABOLIÇÃO DO DINHEIRO

Continuamos este estudo, que tem despertado tanto interesse e que explica muitos dos fenómenos sociais que se têm passado nos países socialistas, especialmente na Rússia.

No artigo anterior, estudámos o fenómeno das «delimitações das classes sociais» naqueles países, «O conceito de uma classe ideal colectiva» e a «Imitação ou *consentimento voluntário*», na luta de classes e as «Alienações sociais».

Vamos continuar a estudar novos aspectos das transformações que se têm dado no mundo socialista soviético.

O «dinheiro» — veículo sócio-dinâmico.

A necessidade de encontrar «pontos de reparo» fixos quanto ao valor comercial dos objectos destinados às *trocas comerciais*, foi sempre imposto à humanidade primitiva, como o primeiro acto de compensação. A moeda, como quantidade de um metal que tem um valor convencional (universalmente reconhecido pelo que respeita ao ouro e à prata) era uma condição essencial ao desenvolvimento das relações civilizadas baseadas sobre trocas complexas.

Os homens conceberam muito cedo, igualmente, um valor comercial que não era somente estático, como um objecto que se cria, mas dinâmico, como as horas de trabalho de um homem, um *valor-tempo*, como o de aluguer de presença sobre determinado lugar. Poder-se-ia então admitir o comércio de um valor em *estado potencial*, isto é, de uma mercadoria ou de um trabalho virtual (particularmente reconhecidos no «contrato» à vista representado por uma nota de banco).

Denunciando como injusta a propriedade privada dos meios de produção, Karl Marx condenava o princípio da «alienação do trabalho», pois que este era por ele considerado como um valor *ideal*, como um factor nobre, produtivo, criação do homem e da sociedade; baixando o produto do trabalho ao estado de simples mercadoria negociável, alienável, passando a ser considerado o trabalhador como uma mercadoria, transformava-se o homem em um objecto de contrato e, assim, toda uma população podia ficar sujeita a uma especulação (como no caso de trocas

de colónias ou de províncias, negociações que integravam as respectivas populações).

Karl Marx, raciocinando com esta filosofia tendenciosa, concluía que as condições do homem moderno, escravo do mecanismo, não eram essencialmente diferentes das que caracterizavam as sociedades escravagistas da Antiguidade, em que uma pessoa podia ser vendida, dada ou comerciada entre os senhores, com a diferença que, na *era industrial*, já não é o trabalhador que, pessoalmente, é propriedade de um patrão, mas os postos de que depende a sua vida; os postos criados pelas máquinas, pelos técnicos administrativos, podem ser influenciados pelos riscos de investimento do dinheiro.

Esta doutrina filosófica, tendenciosa, era facilmente aceite pelos trabalhadores, a quem uma espécie de novo messias, vinha dar esperanças a uma nova concepção de valores, que transformavam as bases do cálculo sobre a valorização do trabalho e das organizações do próprio trabalho, considerado como rendimento produtivo.

Karl Marx e os filósofos, ou os revolucionários, que o acompanhavam, consideravam que era socialmente e economicamente inconcebível que a «era técnica e industrial» pudesse ser criada unicamente a partir da mobilização em comum dos bens em dinheiro ou em valores profissionais de uma nação, porque em uma época em que as experiências estavam na fase de ensaio, em que as ciências podiam cometer erros, em que a técnica tomava riscos, nenhum empreiteiro era responsável pelos seus erros senão no limite da sua propriedade privada dos meios de produção e só corria os riscos de falência pessoal. A responsabilidade social que ultrapassasse a dos riscos pessoais, era impensável nessa época. A situação era comparável à de um cirurgião, que tentasse uma melhoria técnica em uma operação, mesmo com a autorização do doente e da família, que não tinha mais do que a responsabilidade moral; mas se um técnico fosse encarregado pela sociedade de realizar uma operação corria o risco de sofrer uma condenação no plano nacional, em caso de insucesso.

Ora, a revolução socialista, que não pode dispensar os técnicos, saídos da classe média ou directiva, entende que deve mobilizá-los, mesmo à força, por determinação imposta (como nos tempos antigos a respeito dos artistas e trabalhadores, que se requisitavam quando o seu trabalho era muito necessário).

O capital e a personalidade «condicionada»

O fenómeno psicológico que se gerou no seio das novas gerações de trabalhadores, herdeiros de um progresso industrial, de que o equilíbrio parecia estar sólidamente estabelecido, foi o de nunca terem conhecimento das experiências, dos sucessos ou dos insucessos, ou mesmo dos desastres a que estiveram expostos os padrões das gerações precedentes,

bem como as respectivas gerações, que muitas vezes foram vítimas desses insucessos.

Num período em que os trabalhos especializados se tornavam progressivamente mais simplificados, as gerências cada vez mais eficazes e a aquisição de diplomas profissionais cada vez mais acessíveis, parecia muito mais simples tornar colectivamente responsáveis os meios de produção, sem correr os antigos riscos, evitando assim, no sentido colectivo das responsabilidades, que os insucessos do conjunto, tivessem um carácter individual. Ainda hoje, se procede assim, atribuindo a um meio ou aos governos, os insucessos de um grupo de quaisquer empresas.

Mas em todos os casos, o estado social é condicionado pela quantidade de capital posta em movimento. Ora, a potência do capital não tem somente uma função psicosocial, capaz mesmo de dominar quase todas as funções humanas, como o «ideal do eu», as mentalidades, as crenças ou as doutrinas, mas pode ser capaz de englobar toda uma personalidade em conjunto, de forma que os caracteres fenóticos psicosomáticos essencialmente particulares a um indivíduo, podem ser eclipsados perante uma identidade artificialmente criada, como a situação do indivíduo em relação aos seus bens materiais ou, ainda, a situação de uma colectividade em relação aos bens materiais comuns.

Assim, um débil mental, herdeiro de uma grande fortuna, gozará de uma personalidade social consideravelmente mais apreciada do que a de um sábio pobre. Como exemplo, podemos citar a situação do pequeno reino Koweit, em que os enormes lucros trazidos pelo petróleo, são em grande parte distribuídos por cerca de trezentos mil habitantes.

A maior parte dos mecanismos monetários operam um trabalho com influência na consciência colectiva, ligando os destinos individuais, especialmente nas crises mundiais que afligem os Estados capitalistas, por ciclos, ao que parece, de cerca de dez anos, reflectindo-se sobre os particulares, que ainda na véspera do dia em que tomam conhecimento da situação, nem sequer acreditavam que se pudesse chegar a ela.

O factor «dinheiro» tem o papel de uma verdadeira bio-cibernética do género humano, que como fonte de energia pode dominar as energias naturais que foram responsáveis pela sobrevivência do homem primitivo.

Mas é necessário lembrar que o capital foi um derivado e depois um equivalente da função «trabalho». Karl Marx escrevia que a predominância da propriedade privada conduz no seu máximo, à alienação do *humano* e do *social* pelo fenómeno do poder do dinheiro que é «a força alienada da humanidade e da sociedade» e que transforma todos os caracteres da vida social e individual, todos os laços sociais, em uma situação contrária, que provoca a confusão e a sua destruição; e continua: — «assim, o dinheiro transforma a fidelidade em infidelidade o amor em ódio, o ódio em amor, a virtude em vício, o vício em virtude,

o criado em senhor, o senhor em criado, a estupidez em inteligência e a inteligência em estupidez».

Estas conclusões de Karl Marx são nitidamente guiadas por um facciosismo doutrinário que, com o ódio ao imperfeito, deseja ardentemente a destruição de uma situação psicológica e pessoal, para tentar fazer ressurgir das cinzas do cataclismo, um ideal perfeito e absoluto de felicidade! É a loucura de muitos iluminados, mesmo muito inteligentes...

Humanidade «futurista» e «abolição do dinheiro»

O socialismo clássico admite que cada pessoa deve ser paga em conformidade com a importância, a violência e os perigos inerentes à sua profissão. Engels e Marx criticaram a tese dos «igualitaristas», segundo a qual todos devem receber o mesmo salário, seja qual for a quantidade e a qualidade do trabalho realizado.

As *repúblicas populares* estimulam a boa execução dos trabalhos por meio de sistemas de prémios, de bónus de férias, etc., em oposição à tese de Taylor, que estimulava a taxa da produção em relação à quantidade-tempo, por meio de lucros progressivos, sistema antifisiológico que levava ao excesso de trabalho (*surménagement*) das pessoas mais fracas, que procuravam por um esforço excessivo, manter a competição dos mais fortes.

Ora o ideal comunista futurista considera o sistema socialista contemporâneo como um meio e uma simples etapa, para mais tarde se chegar a um estado social, que só será considerado perfeito, quando se chegar à supressão completa da necessidade do dinheiro. Esta situação levaria, teoricamente, à abolição das diferenças económicas, susceptíveis de dividir os membros de uma colectividade socialista, na fase construtiva da sua evolução estrutural.

Ora este ideal é contrário à existência de um meio de compensação, o dinheiro, que levou séculos a organizar e que serve para todas as compensações de trabalho, géneros alimentícios, vestuário, de tudo enfim, em que consistem as necessidades das transacções humanas. Engels e Marx foram apenas uns filósofos teóricos, que prégeram princípios de difícil ou impossível realização, mas cuja miragem perturbou os povos e deu origem a muitas greves e revoluções. O sistema rígido dos princípios comunistas soviéticos tem-se modificado constantemente, em virtude dos insucessos da aplicação de teorias abstractas, ao homem, que é um conjunto psicossomático muito diferente de uma máquina que se quer pôr em movimento por um mecanismo automático.

O desejo de progresso, a melhoria da sua sorte, a esperança de um melhor futuro, para si e, sobretudo, para os nossos filhos, são fundamentais para a natureza humana. Os elementos psicodinâmicos da consciência

são normalmente contrários a uma concepção estática da vida. Assim, nota-se que nos países em que os cidadãos podem gozar de um máximo de protecção, de segurança social, da abolição de todos os riscos que fazem parte da vida, tornando inútil toda a iniciativa privada, as pessoas, mesmo que tenham o privilégio de um nível económico elevado, se sentem desamparadas, sofrem de nevroses e de perturbações do carácter, que frequentemente conduzem à delinquência e ao suicídio.

Este estado de coisas é característico, em particular nos países ricos, adeptos de uma ética cristã reformada, baseada sobre o conceito da «predestinação», do que «era a sua sina», de que «não podemos modificar a nossa sorte», do «estava escrito», etc., situação psicológica em que os fiéis já não têm de se preocupar por si próprios, da sua salvação, pois que o seu destino depende apenas da vontade divina (psicologia comum nos países escandinavos, Austrália e Nova Zelândia). Pelo contrário, nos países em que as pessoas sentem a responsabilidade dos seus actos e dos riscos que têm de correr, em relação aos actos que praticam ou às atitudes que tomam, verifica-se que as diferentes perturbações psicológicas são muito menos frequentes, sobretudo na juventude, o que é demonstrado pelas estatísticas.

Nos países soviéticos esta percentagem de «desamparo psicológico» é mais baixa ainda, o que provém da acção pedagógica e da propaganda sobre o que representa a sua situação na sociedade soviética, que de facto não é apresentada com realismo, mas com uma fase cheia de embustes sobre as vantagens do socialismo soviético, onde de facto o indivíduo atravessa uma fase de fragilidade de vontade, está cercado de adversários quando ele pensa de maneira diferente, até chegar a um estado colectivo ideal, que só se pode atingir depois de uma luta encarniçada contra o que lhes é apresentado como o inimigo da sua pátria e de todos os cidadãos soviéticos e à custa de grandes riscos e sacrifícios individuais.

O materialismo soube criar nos seus adeptos um sentimento de «missão a cumprir» de «doutrinas a aplicar em um futuro mais ou menos longínquo» em vez de apresentar o mundo, como fazem os muçulmanos, definitivamente resolvido, em que cada cidadão é uma pessoa perfeita; estado de passividade compatível com a astenia árabe, mas que é contrária à dinâmica das raças nórdicas e mesmo dos chineses.

Os observadores notam frequentemente o aspecto monótono, a austeridade e a tristeza que apresentam as sociedades socializantes. Este estado é sobretudo característico nos países em que os progressos são lentos, os fins a atingir dificilmente concebíveis durante a vida de um homem, a severidade policial constante e em que os inimigos do regimen são difíceis de concretizar ou estão muito longe. Pelo contrário, desde que a força nazi passou a ser uma ameaça imediata, todo o entusiasmo eslavo se sentiu mobilizado e a «missão a cumprir» passou ao estado de heroísmo. Na China, como não há por enquanto inimigos a defrontar,

a tensão neurotónica da juventude não podia encontrar uma derivação, senão projectando o seu ódio contra as únicas variedades ideológicas que possam atacar, como alguns concidadãos, grandes figuras do governo, pequenos privilegiados ou estrangeiros *revisionistas*; esta transferência de sentimentos é suficiente para canalizar uma cólera colectiva que, sem «alibi» fixador, é susceptível de se voltar contra si-próprio, sob a forma de suicídio pessoal ou social à escala de grupo, que é a «anarquia».

A sugestão exercida pelos técnicos sobre os jovens, sobretudo os já nascidos na época soviética, a respeito das seguranças e vantagens que o regimen lhes traz é tal que, alguns deles, quando convidados pelos pais que fugiram para países livres, onde estão convencidos de que têm uma vida feliz, bem diferente da que se goza no seu país, não têm coragem para fugir para os países livres, porque tendo sido comandados e assistidos pela «organização» desde que os pais lhos confiaram, não sentem a coragem necessária para viverem em um país em que teriam de lutar para se sustentarem, pois a *vontade* e as *qualidades para lutarem* foram destruídas por completo durante toda a sua vida de submissão e disciplina.

Continuaremos no próximo artigo a tratar este interessante problema, estudando o «constrangimento ou o prazer do trabalho».

OS CORRIMENTOS NAS JOVENS DE POUCA IDADE E NA PUBERDADE

O corrimento que aparece nas jovens muito novas e na época da puberdade (leucorreia), nos países em que a ginecologia infantil é mal conhecida, não alarmam, em geral, as mães. As doenças dos órgãos genitais das jovens, são geralmente consideradas como transitórias e não se fala nelas; no entanto, podem apresentar sintomas alarmantes. Goodrich Schaffer, foi o primeiro autor que se dedicou à publicação, em 1925, de vários artigos dedicados a ginecologia infantil. O Dr. Kesely, professor de ginecologia em Praga, dedica-lhe um artigo na revista «*Medicine e Hygiene*» de 13 de Maio de 1970, a que nos vamos referir:

Já há muito tempo que os médicos especialistas de doenças de crianças e de senhoras, descrevem esta flora bacteriana, sob o nome de «flores brancas».

Hoje, classificam-se as zooparasitoses e as fitoparasitoses em seis graus, conforme a classificação de Girovec-Peter-Maleck.

Flora microbiana vaginal do 1.º grau

É a flora normal observada numa mulher, com boa saúde, desde a puberdade até à menopausa, período em que começa a desaparecer, progressivamente. Ela aparece algumas horas depois do nascimento, e

caracteriza-se pela presença do «*Lactobacillus acidophilus*», da variedade vaginal e por um epitélio vaginal superficial de camada córnea e núcleo picnótico. A secreção é ácida, a $\text{pH} = 4,5$, macroscòpicamente clara ou levemente leitosa. A acidez vaginal, exerce um papel protector natural contra a invasão bacteriana dos órgãos genitais; é necessário evitar perturbar esta flora por uma desinfeção intempestiva, sob a forma de irrigações ou mesmo de instilações.

Flora microbiana vaginal do 2.º grau

É a flora bacteriana não purulenta, rica em cocus e bastonetes, em células epiteliaes, mas desprovida de leucocitos. A irrigação de soluções anti-sépticas não basta; é recomendada a aplicação local de sulfamidas e de óvulos vaginaes de anti-bióticos.

Flora microbiana vaginal do 3.º grau

Esta forma apresenta-se como uma leucorreia purulenta bacteriana, espessa, amarelada, algumas vezes nauscabunda, rica em leucócitos, coeus e bastonetes e pobre em bacilos de Döderlein. As bactérias intestinaes podem facilmente atingir as vias genitais, em virtude da proximidade dos orifícios, por intermédio, por exemplo, dos oxyuros.

Os corpos estranhos na vagina das crianças, não são raros. Pode classificar-se o seu modo de penetração das maneiras seguintes: — introdução voluntária, facilitada pela masturbação, eventualmente numa criança débil mental, por uma outra criança, nos prazeres sexuais (eventualmente um rapaz, ou por um adulto obsediado sexual); também pode ser por uma introdução involuntária, por uma agressão directa ou indirecta quando a criança não seja portadora de calções protectores; nestes casos, após a irrigação local com um soluto desinfectante, a leucorreia desaparece, às vezes rápidamente, se a intervenção for rápida.

O estreptococo beta-hemolítico, factor infeccioso, está ligado à escarlatina e à transmissão desta doença. — A leucorreia é habitualmente fluida, eventualmente muco-purulenta e algumas vezes sangrenta; a criança queixa-se de sensação de queimaduras dolorosas na vagina. Pode aparecer, algumas vezes insidiosa, mas pode ser rápida, acompanhada de violentas dores no baixo-ventre e nos órgãos genitais, febre, alterações do estado geral, dor de cabeça e vômitos, algumas vezes tumefacção dos órgãos genitais externos, gânglios linfáticos inguinais infiltrados, bem palpáveis e dolorosos.

Podem encontrar-se estreptococcus hemoliticus nas crianças que não apresentem alteração alguma nos órgãos genitais. — O agente infeccioso pode propagar-se por objectos ou roupas contaminadas pelo corrimento de outras doentes. Em 2,5 por cento das crianças tratadas de escarlatina, não se encontram estreptococcus vaginaes. É indispensável a pesquisa

bacteriológica na vagina, quando na escarlatina, para se fazer o tratamento oral e hipodérmico, mas também local.

Flora microbiana vaginal do 4.º grau

Na gonorreia aguda, as secreções são espessas, esverdeadas, aderentes à mucosa, que pode aparecer com uma irritação descamativa. — Encontram-se *diplococcus* intra e extra-celulares, num grande número de leucócitos, poucas células epiteliais, sem bacilos de Döderlein. Os gonococcus desenvolvem-se bem num meio alcalino ou neutro de uma vagina impúbere, o que explica a frequência das gonorreias nas crianças. A falta de higiene favorece a forma não-sexual desta doença no período neo-natal e pré-pubertário. Deve investigar-se o gonococcus, pela colocação em cultura do corrimento.

A gonorreia aguda provoca uma vulvo-vaginite típica, que consiste em tumefacção e inflamação da vulva, com secreções purulentas ou mucopurulentas; a uretrite é rara; a proctite ou anexite não aparecem. Os antibióticos combatem nitidamente a duração da doença, desde que sejam aplicados por via bucal ou parenteral.

Flora microbiana vaginal do 5.º grau

É a gonorreia provocada pelo *Tricomonas vaginalis* — Peter e Jirovec, marcam 4 tipos, em função da sua evolução:

a) *estado agudo* — presença do «Tricomonas», poucas bactérias, ausência de lactobacilo.

b) *estado culminante* — presença de «Tricomonas», de bactérias e leucócitos em grande número, células epiteliais e ausência de lactobacilo.

c) *estado crónico* — presença de «Tricomonas», numerosas bactérias, poucos leucócitos, células epiteliais e lactobacilos esporádicos.

d) *estado latente* — «Tricomonas», bactérias e leucócitos em pequeno número, células epiteliais e lactobacilos em abundância.

A secreção não é característica, a não ser nos estados «agudo» e «culminante»: — fluida, eventualmente com bolhas, branca, amarela ou esverdeada; não se observam «Tricomonas» durante o período pre-pubertário.

As possibilidades de contágio pelos «Tricomonas» são as seguintes:

a) *não sexual* — no recém-nascido, por sua mãe, ao nascimento — algumas virgens, durante o período de actividade genital e, muito raramente também, em mulheres desfloradas.

b) *sexual* — nas jovens, por manipulações externas e nas mulheres desfloradas, pelo coito.

Os «Tricomonas» resistem bem ao tratamento e encontram-se frequentemente no estado latente, aguardando a ocasião de se exacerbar em tricominiana aguda, é depois culminante. Quanto menos for avançada

a maturidade sexual da jovem, mais é eficaz o tratamento. O contágio dá-se sobretudo nas «toilettes» e salas de banho, por objectos contaminados.

Flora microbiana vaginal do 6.º grau

a) *Micoses não purulentas*, tipo pseudomicelia ou blastoporos. Os micro-organismo do tipo das leveduras, frequentemente as «Cândida albicans», dão um smegma e depois depósitos brancos ou acinzentados, com irritação epitelial, que pode ir até à inflamação sanguinolenta. Os *esfregaços* vaginais mostram células epiteliais, com bacilos de Döderlein, poucos leucócitos, numerosos blastoporos ou pseudomycelia, assim como uma flora bacteriana mista; as colónias mistas formam finalmente uma massa gordurosa ou cascosa, que tem eventualmente um cheiro a azedo.

b) *Micoses purulentas* — Encontram-se nas secreções vaginais purulentas, colónias de leveduras; os *esfregaços* mostram a existência de células epiteliais, sem bacilos de Döderlein, numerosos leucócitos, blastoporos e pseudomicelia e uma flora bacteriana mista.

Não se encontram infecções genitais de leveduras, senão durante o período neo-natal hormonal e no período da maturidade genital.

Durante o período da maturidade sexual, encontram-se micoses, especialmente nas jovens diabéticas, em que uma leucorreia pode assim ser o primeiro sinal da diabetes. — A vulvite diabética micótica aguda, caracteriza-se por um importante edema do clitoris e dos pequenos lábios; a pele e as mucosas, de cor vermelho-purpura, apresentam pontos cinzentos ou brancos; a entrada da vagina é obstruída por uma secreção turva, muitas vezes nauseabunda (é a «*vulvite diabética succulenta*»). No estado crónico da vulvite micótica, os grandes lábios retraem-se e tornam-se cinzentos; a pele torna-se rígida, muitas vezes gretada (*vulva senil*) e a doente queixa-se frequentemente de um intenso prurido local.

O tratamento consiste em desembaraçar a vagina das suas secreções; nas virgens pode por vezes empregar-se um cateter uretral; nas mulheres desfloradas, com um tampão imbebido em uma solução desinfectante. A diabetes complica e agrava estes casos e então é necessário tratá-la.

Nas jovens o linfatismo é uma das causas.

Flora microbiana vaginal nula

É o estado normal do período pre-pubertário.

A vagina não contém, praticamente, secreções; o seu meio é neutro ou ligeiramente alcalino; encontram-se células epiteliais basais ou parabasais, mas não se encontram micróbios nem leucócitos.

A antibioterapia local das leucorreias infantis deve obedecer a duas regras:

1 — A introdução de óvulos vaginais de antibióticos não deve ser precedida de irrigações locais desinfectantes.

2—É necessário continuar com o tratamento, pelo menos uma vez por dia, durante 2 a 3 semanas e, eventualmente, renová-lo depois de quatro semanas.

É necessário completar o tratamento das leucorreias devidas a germens intestinais, pelo tratamento simultâneo da oxiurase.

CURIOSIDADES

● **O problema dos anos perdidos nas escolas e o seu reflexo económico**—O problema dos alunos que perdem o ano, está a preocupar os governos dos vários países, onde se pensa dificultar o acesso destes alunos, sobretudo nas escolas oficiais. Entre nós já há várias sanções, em escolas oficiais e receia-se que estas sanções aumentem até ao ponto de os repetentes virem a ser excluídos das escolas oficiais, podendo somente continuar os seus estudos em escolas particulares.

Este artigo intenta chamar a atenção dos pais e alunos para este problema.

O problema das reprovações pode também ser considerado, sob o ponto de vista da economia da educação. Foi esta a tese apresentada ao doutorado por *William Vom Vilet*, chefe de divisão dos Estados Árabes do departamento da educação da UNESCO. A revista «Population» no seu n.º 3 de 1963, expôs o essencial desta tese, da qual extraímos os seguintes períodos:

«As consequências do atraso escolar, refletem-se no plano económico por uma perda notável. Cada vez que um aluno é obrigado a repetir um ano, perdeu-se uma unidade do complexo *aluno-ano*; da mesma maneira muitos *alunos-ano* são perdidos sempre que um aluno, abandona o curso sem ter acabado o ciclo completo. A soma destes *alunos-ano* constitui uma perda económica, porque custavam caro ao Estado; Assim, em França o número dos anos perdidos é de 900.000 por ano; isto não quer dizer que os alunos ou os professores tenham perdido completamente o seu tempo, mas que o sistema escolar se viu obrigado a educar mais 900.000 *alunos-ano* (ou seja mais 23 por cento do que seria justo) do que o mínimo necessário.

Van Vilet não determina as razões deste prejuízo. As razões do atraso escolar, falta dos alunos assediados por uma má educação paternal que os deixa fazer tudo mesmo não estudar, falta aos professores que não cumprem o seu dever, não fazem parte do seu estudo, que é puramente económico. Em França, a existência de muitas aulas sobrecarregadas com alunos e a penúria de mestres qualificados têm sem dúvida lugar importante, sobre as principais razões do fenómeno do agravamento do atraso escolar.

Mas na medida em que as perdas de ano são devidas à escassez de professores ou de salas de aula, por razões económicas, pode perguntar-se se realmente representam uma falsa economia, em face das necessidades actuais; com efeito, se todos os alunos passassem, as economias realizadas para evitar esta escassez de professores e de salas de escola.

Receamos, como dissemos que novas medidas surjam e por isso pedimos a atenção dos pais e dos alunos para o facto de que a instrução escolar é um contrato bilateral, entre o Estado que suporta as despesas e o aluno, que não tem o direito de fazer o Estado dispendir verbas em seu favor, sem que ele contribua com o seu trabalho para as aproveitar. Hoje com as responsabilidades que cada pessoa tem, no grave problema da luta no mundo, os que não querem trabalhar, não merecem auxílio; há sempre trabalho para os que querem trabalhar e os que não querem estudar, desprezando o auxílio dos pais e do Estado, podem empregar a sua actividade em qualquer ramo mais modesto, deixando aos que estudam as vantagens de subirem no meio social e económico. Os filhos que se encostam aos pais para não trabalharem, *gozam a vida*, mas *enterram o futuro!* E não merecem a simpatia dos que trabalham e que conquistaram os seus lugares a custo de uma vida inteira de pertinácia no trabalho.



**A MEDICAÇÃO INTESTINAL MAIS EFICAZ E
MAIS INÓCUA É A REALIZADA COM OS BACI-
LOS LÁCTICOS, SIMPLES OU ASSOCIADOS.**

Lactosimbiosina

Comprimidos — *Cultura pura de b. lácticos
levedura de cerveja
extracto de malte*

Líquida — *Cultura pura de b. lácticos
extracto de malte
(frs. de 100 grs.)*

Concentrada — *Cultura pura de b. lácticos
extracto de malte
(cxs. de 10 ampolas bebi-
veis de 10 cc.)*

Vitasimbiosina

*Lactosimbiosina líquida,
associada às Vitaminas
B₁, B₂, B₆, PP e Pantotenato
de Cálcio
(em frs. de 100 cc.)*

Concentrada — *(em cxs. de 10 ampolas
bebíveis)*

Ftalilsimbiosina

*Comp. de Lactosimbiosina
associados a 0,10 de Fta-
lilsulfatiazol
(frs. de 50 comp.)*

Amostra à disposição dos Ex.^{mos} Médicos

Novas medicações
enérgicas e eficazes

Contra a gripe

Penampla

DERIVADO PENICILÍNICO DE ALTA ACTIVIDADE BACTERICIDA, QUE ABRANGE AS BACTÉRIAS GRAM-POSITIVAS E OUTRAS DAS NEGATIVAS, AS SALMONELAS E O BACILO TÍFICO. DÁ ORIGEM A ELEVADAS CONCENTRAÇÕES NA BILIS E NA URINA.

Neociclina vitaminada

ASSOCIAÇÃO DE TETRACICLINA A VÁRIAS VITAMINAS, FÁCIL ABSORÇÃO PELAS VIAS DIGESTIVAS: ACÇÃO RÁPIDA.

Instruções e amostras aos Ex.^{mos} Médicos

Protecção do estômago

Prevenção ou tratamento da

ÚLCERA GÁSTRICA E DUODENAL

GELUMINA

Digestões Demoradas

Gelumina e Neo-Digestina

HIPERCLORÍDRIA (AZIA)

GELUMINA

Perturbações gástricas

GELUMINA